

Basta ouvir o 2.^o movimento do Concerto n.^o 4
de Beethoven — para desconfiar: o único senti-
do do silêncio é engendrado pela suspensão
da linguagem. Só ela lhe dá corpo. O
silêncio inicial não existe, ou melhor, não
tem duração, é infinito.

É dizer, como Kierkegaard, que "o mais se-
guro dos mutismos não é calarmo-nos, mas
falarmos" é uma suspeita metafísica infun-
dada, ainda que sedutora.